

Quem foi Maria Rosa? Conflitos e abusos de memórias sobre a Guerra do Contestado e a atual militância política feminina do campo

Zaira Moutinho

Mestranda em Agroecossistemas pela Universidade Federal de Santa Catarina.

zairamoutinho@hotmail.com

Claire Cerdan

Professora do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Geografia Humana, Econômica e Regional pela Université de Paris Nanterre.

claire.cerdan@cca.ufsc.br

Valmir Stropasolas

Professor do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Ciências Humanas (Interdisciplinar) pela Universidade Federal de Santa Catarina.

valmir@cca.ufsc.br

Resumo: Procuramos, nesse trabalho, responder à seguinte pergunta: como a memória do Contestado influencia a militância política das mulheres do campo na região do Planalto Norte Catarinense? Os resultados apontam para o fato de que existem, na região, conflitos em torno da memória da Guerra que são alimentados pelas questões étnicas, de gênero e de classe. Nesse sentido, a militância política das mulheres tem sido tanto reforçada positivamente, como nas rememorações dos movimentos sociais, quanto negativamente, quando analisada a memória institucionalizada.

Palavras-chave: Militância política das mulheres; Guerra do Contestado; Memória.

Who was Maria Rosa? Conflicts and abuses of memory about the Contestado War and the contemporary political activism of rural women

Abstract: The aim of this article is answering the following question: How does the memory of the Contestado war influence the political activism of rural women in the Plateau region in the north of Santa Catarina? The results indicate the existence of conflicts related to the memory of the war. These conflicts are fueled by ethnicity, gender and class subjects. In this sense, the political militancy of women has been reinforced positively, as the recollections of social movements, and negatively, when analyzing the institutional memory.

Keywords: Women's political activism; Contestado War; Memory.

¿Quién era María Rosa? Los conflictos y los abusos de los recuerdos de la Guerra do Contestado y el actual activismo político femenino en el campo

Resumen: Se buscó en este trabajo, responder a la pregunta siguiente: ¿cómo la memoria de Contestado influye en la militancia política de las mujeres campesinas en la región de meseta norte de Santa Catarina? Los resultados apuntan al hecho de que existen, en la región, conflictos alrededor de la memoria de la guerra que se nutren de las cuestiones étnicas, de género y de clase. En este sentido, la militancia política de las mujeres ha sido reforzada positivamente, como en los recuerdos de los movimientos sociales, y negativamente en el análisis de la memoria institucionalizada.

Palabras-clave: Militancia política de las mujeres; La guerra de Contestado; Memoria.

1. Introdução

O presente trabalho é resultado da pesquisa de mestrado sobre a participação política das mulheres do campo do Planalto Norte de Santa Catarina no contexto de criação e gestão da política dos territórios da cidadania. O objetivo foi compreender os fatores que estão limitando a participação das mulheres do campo nos espaços de decisão política e analisar as possibilidades e caminhos que possam melhorar a inserção desse grupo nas discussões, tendo em vista a articulação do território da cidadania. O estudo das trajetórias de vida, estratégias de reprodução social e projetos de vida das mulheres do campo no Planalto Norte formam o ponto de partida para o entendimento da ausência de protagonistas, que possam colocar em evidência as necessidades desse grupo social que, atualmente, tem optado pela migração em direção aos centros urbanos.

No decorrer da pesquisa de campo (acompanhando reuniões e colegiados do território da cidadania, visitando prefeituras, assentamentos e acampamentos, sindicatos) e das entrevistas semiestruturadas observamos um fator não esperado: as histórias em torno da Guerra do Contestado e, fundamentalmente, o nome 'Maria Rosa'. Qual a relação entre a memória desta Guerra e a militância política das mulheres do campo? Foi feito um desvio metodológico, no sentido de responder a esta questão mais específica, dentro do problema que entendemos como mais amplo. Ou seja, sabíamos que a resposta a esta indagação era apenas um dos componentes que poderiam auxiliar no entendimento da participação política; por isso, optamos pelo termo influência ou reforço, descartando qualquer determinismo.

2. Metodologia

O primeiro desvio que fizemos foi conhecer o papel da memória no presente, na ação social. Na obra de Paul Ricoeur encontramos uma fonte admirável sobre o assunto. O segundo desvio foi mergulhar sobre a diversidade de bibliografias, registros, e relatos sobre a Guerra do Contestado. Destacamos o trabalho de Paulo Pinheiro Machado, os registros do Museu do Contestado de Três Barras e a biblioteca da Universidade do Contestado, pois foram as fontes que serviram de base para a argumentação adiante. O terceiro desvio foi encontrar e entrevistar pessoas que tivessem uma ligação específica com a história do Contestado.

As entrevistas foram conduzidas a partir da abordagem das entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e transcritas, sendo, em seguida, organizadas com base na análise qualitativa de conteúdo.

3. O planalto norte de Santa Catarina e a participação política das mulheres no campo

Atualmente, no território do Planalto Norte-SC, de acordo com os dados do cadastro único do Programa Bolsa Família, existem 10.824 beneficiários vivendo com uma renda mensal inferior a R\$120,00. A Secretaria de Desenvolvimento Territorial chama a atenção para o aumento do número de pessoas pobres na região.

A falta de equidade social e de oportunidades têm gerado um aumento significativo no 'número de famílias sem renda suficiente para a sobrevivência', que representam 18,2% das famílias do território, valor superior, inclusive à média do estado que é de 12,42%. (SDT, 2008, p.8)

As tabelas abaixo informam esses dados divididos nas regiões Canoinhas e Mafra. Apontam também para um território com baixos valores de renda *per capita*.

No espaço rural, os dados sobre estrutura fundiária apresentam um número expressivo de estabelecimentos com terra insuficiente para a reprodução social das famílias³.

Tabela 1

Região de Canoinhas: População, renda per capita mensal, pessoas e famílias com renda insuficiente e pessoas pobres, segundo o meio urbano e rural - 2000¹

LOCAL	POPULAÇÃO [Nº]	RENDA PER CAPITA MENSAL [R\$]	PESSOAS COM RENDA INSUFICIENTE ²		PESSOAS POBRES	
Total	126.178	242,56	30.770	24,4%	5.366	51,8%
Rural	40.489	150,82	13.540	33,4%	5.688	63,9%
Urbana	65.689	286,31	17230	20,1%	9.470	46,1%

Fonte: EPAGRI/ CEPA, 2003

Tabela 2

Região de Mafra: População, renda per capita mensal, pessoas e famílias com renda insuficiente e pessoas pobres, segundo o meio urbano e rural

LOCAL	POPULAÇÃO [Nº]	RENDA PER CAPITA MENSAL [R\$]	PESSOAS COM RENDA INSUFICIENTE		PESSOAS POBRES	
Total	208.976	251,05	3.070	15,8%	83.626	40,0%
Rural	48.633	155,88	2.832	26,4%	27.720	57,0%
Urbana	160.343	279,62	20.238	12,6%	55.906	34,9%

Fonte: ICEPA, 2003.

A população cabocla, tradicionalmente, vem sendo marginalizada das estratégias de desenvolvimento, raramente acessando os recursos disponibilizados pelas instituições públicas. Importante salientar a permanência de uma classificação pejorativa por parte da sociedade em relação a esse grupo. Arlene Renk, em “A luta da erva”, aborda essa situação no Oeste de Santa Catarina: “A essa população pesavam e pesam acusações de ser fatalista, preguiçosa, pobre e resignada à pobreza” (RENK, 1997, p.101).

As iniciativas em curso mobilizam, potencialmente, recursos e oportunidades para o público de baixa renda. Contudo, é fundamental verificar até que ponto esse segmento social se apropria dos recursos e, se não o faz, identificar e analisar os fatores que explicam essa não apropriação dos recursos do território.

Por outro lado, além dos problemas estruturais econômicos, políticos e culturais, existem hierarquias de poder e padrões culturais internos aos grupos sociais, que geram desigualdades.

As mulheres possuem seu trabalho desvalorizado socialmente, em relação ao sexo masculino e, no campo, as atividades realizadas são, geralmente, entendidas como ‘ajuda’ (PAULILO, 1987). O quadro que se vê é de baixa autonomia e desvalorização, enquanto grupo produtivo. Os indicadores no Planalto Norte mostram que as mulheres estudam mais do que os homens, mas esse conhecimento não é revertido em remuneração mais alta (SDR, 2005).

A condição dos jovens no campo leva-os a optar pela migração em direção aos centros urbanos, pois são subjugados a um centralismo paterno, tanto no que se refere à renda quanto às decisões na propriedade e na família, associada ao quadro mais geral das comunidades rurais e pequenos municípios de precariedade de acesso a bens e serviços (STROPASOLAS, 2006). Assim, ape-

sar do aumento na população jovem rural (15 a 29 anos) de 2003 para 2004 não foi suficiente para superar os valores de 2002 e os números voltam a cair em 2005 (EPAGRI/CEPA, 2006-2007). “Cabe salientar ainda que 28,5% dos estabelecimentos pesquisados não contam com filhos residentes (45.994 num universo de 161.445 estabelecimentos), ou seja, propriedades agrícolas sem sucessores” (STROPASOLAS, 2008).

Conclui-se que as jovens mulheres ou moças do campo encontram-se socialmente pressionadas pelos aspectos negativos relacionados ao sexo e idade. Esses fatores motivam-nas, principalmente, a seguir uma trajetória social diferenciada, levando ao êxodo rural. Assiste-se assim, a um envelhecimento e masculinização da população rural.

O envolvimento político direto das mulheres do campo é uma forma de disputar os recursos que estão mobilizados no território. Tal participação pode ser observada, atualmente, no Planalto Norte, em diversas organizações como a AGRUPAR, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Sindicato da Agricultura Familiar, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e no programa Microbacias, como representantes das comunidades. Nessas organizações, elas ocupam espaços de importância quanto ao poder de decisão e influência, como a Presidência (AGRUPAR), Tesouraria (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), Coordenações (MST). Mesmo reconhecendo essas contribuições, consideramos a participação política das mulheres na região, frágil. Em primeiro lugar, as inserções nessas organizações não estão ligadas ao debate de gênero e não existe, dentro da AGRUPAR e dos Sindicatos, uma preocupação em debater, ou mesmo um trabalho de formação com as jovens do campo, que são as que têm, na região, optado mais vezes pela migração,

principalmente para Joinville e Blumenau⁴. Não existem dentro dessas organizações outras mulheres sendo capacitadas ou mesmo estimuladas para ocupar esses espaços políticos. É frágil também, pelo fato de que a maior parte das mulheres que são lideranças do campo nessas organizações é descendente dos poloneses e alemães. Assim, a população cabocla está ausente das organizações representativas e do cenário de debate da política do território da cidadania. Enfim, a linha de desenvolvimento, que se intensificou no século XX obedecendo a uma lógica masculina e essencialmente branca, que levou à Guerra do Contestado e morte de milhares de caboclos, parece ainda ser uma realidade na região.

Diante dessa questão da importância da Guerra no imaginário da população (tanto branca, como cabocla), como se estabelece a relação entre a memória do Contestado e a participação política das mulheres e, mais especificamente, das mulheres caboclas?

3.1 A memória e o devir

A memória, durante séculos, foi aproximada da imaginação. Assim, a representação do passado era tida pelos filósofos, os quais estavam ligados ao empirismo da língua inglesa e ao racionalismo cartesiano, como uma província da imaginação. Como apresenta Paul Ricoeur, essa era a forma com que Montaigne, Pascal e mesmo Spinoza tratavam o assunto. A aproximação entre memória e imaginação faz com que o uso da primeira seja questionado como fonte de produção de conhecimento. Desse modo, percebemos que uma longa tradição filosófica deixou a memória distante da sua função de acesso ao passado.

Para Ricoeur, é em Aristóteles (mais especificamente no trecho “De la mémoire et la réminiscence” do título “Parva Naturalia”) que nasce a ideia de que a memória é passado. A noção de tempo começa a compor a memória, a qual assume uma distância da imaginação dentro dessa corrente filosófica. Outro ponto fundamental na fenomenologia da memória de Ricoeur, que se situa na tradição iniciada por Aristóteles, é a distinção entre memória e lembrança. A lembrança é caracterizada por diferentes graus de distinção do passado; a memória se relaciona à capacidade de organizar as lembranças em uma linha temporal. O traço fundamental da lembrança recai, com base nessa fenomenologia, sobre o privilégio da espontaneidade dos acontecimentos, ou seja, é sempre uma lembrança-acontecimento. A memória está, portanto, assentada nas relações de percepção e não na imaginação. “[...] a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro, a posição de um real anterior.” (RICOEUR, 2008, p.61)

No entanto, a lembrança, que sempre é acompanhada da noção de tempo, só é possível ser acessada quando se torna imagem, trazendo assim, uma constante ameaça de mistura entre lembranças e imaginação. Vista sob tal perspectiva, a fidelidade da memória encontra-se frequentemente ameaçada⁵.

É sobre essa relação - entre a ausência da coisa e a presença do ausente como representação na memória -, que reside a fragilidade fundamental da memória e as possibilidades de abuso. Como mostra Ricoeur, eles podem acontecer no nível patológico-terapêutico, no prático (quando uma memória é impedida) e no nível ético-político, quando abusivamente convo-

cada e selecionada para sustentar uma ideologia. É sobre os abusos no plano prático e ético-político que sustentaremos nossas discussões sobre os conflitos de memórias sobre a Guerra do Contestado e, especificamente, sobre a memória das lideranças femininas.

Em Ricoeur, o conceito de memória instrumentalizada, que caracteriza os abusos no plano prático, é amparado pela categoria weberiana de ‘racionalidade segundo um fim’ e na categoria de ‘razão estratégica’ de Habermas. A memória instrumentalizada serve para afirmar uma identidade tanto pessoal quanto coletiva, que é frágil. Essa fragilidade é causada, em primeiro lugar, pela difícil relação entre identidade e tempo. Assim, a memória é designada para fortalecer a identidade no presente e projetá-la para o futuro, respondendo à problemática do como se manter o mesmo ao longo do tempo. Em segundo lugar, a fragilidade da identidade é causada pelo confronto com o diferente, com o outro.

Será mesmo preciso que nossa identidade seja frágil a ponto de não conseguir suportar, não conseguir tolerar que outros tenham modos de levar sua vida, de se compreender, de inscrever sua própria identidade na trama do viver-junto, diferentes dos nossos? Assim é (RICOEUR, 2008, p.94).

Em terceiro lugar, a identidade é frágil por ser fundada na violência da guerra que caracterizou a fundação de todas as comunidades históricas, fazendo com que os mesmos acontecimentos signifiquem glória para uns e humilhação para outros. O fundamental é notar, na apresentação de Ricoeur, que a instrumentalização da memória para o fortalecimento da identidade frágil acontece a partir de um viés ideológico.

Sabemos que a ideologia é um discurso que busca justificar o poder e a dominação. Para satisfazer as demandas da autoridade legitimada, ela explora nossas crenças, gerando uma montagem de aceitação e fé na ordem estabelecida, fortalecendo o poder instituído. Para Ricoeur (2008), uma análise permite facilmente compreender quais molas dão sentido e movimento a diversos empreendimentos de manipulação da memória. Ela só pode ser incorporada à identidade seguindo a tendência da narrativa que é, em essência, seletiva. A partir dessa possibilidade de seleção no texto narrativo, encontra-se a possibilidade de manipulação.

Contudo, é no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se vêem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece. A dominação, como vimos, não se limita à coerção física. Até o tirano precisa de um retórico, de um sofista, para transformar em discurso sua empreitada de sedução e intimidação. Assim, a narrativa imposta se torna um instrumento privilegiado dessa ação (RICOEUR, 2008, p.98).

No nível ético-político, para Ricoeur, encontramos na noção de justiça (uma virtude voltada para o outro) o sentido do dever e do imperativo da memória. Precisamos, assim, extrair das lembranças traumatizantes o seu valor de exemplo, para que as ações não se repitam. Esse seria o objetivo da memória, lembrar para projetar outro futuro possível e diferente das experiências traumatizantes do passado. Nesse sentido, a dívida histórica com o outro encontra o seu lugar e substitui a noção de culpa. Assim, estamos endividados com os que nos precederam. “Somos devedores de parte do que somos aos que nos precederam [...]” e, nesse quadro, uma prioridade moral cabe às vítimas. “[...] vítima outra, que não nós” (RICOEUR, 2008, pp. 101-102).

3.2 A memória do conflito e os conflitos de memórias - Mulheres de fanáticos ou mulheres de revolucionários? Uma breve revisão da literatura sobre a Guerra do Contestado

A Guerra do Contestado, ocorrida no Planalto Catariense, foi recontada a partir de diferentes perspectivas e olhares. Militares e acadêmicos, sejam da esquerda ou da direita, dominam o espaço dedicado à memória do Contestado e, em geral, dedicam uma posição periférica à participação das mulheres durante a rebelião. Estas são lembradas, em geral, como ‘as virgens do monge’ e o papel de liderança acaba esquecido. Na revisão da literatura acadêmica, o relato sobre a importância das mulheres aparece de forma diferenciada. Esses textos podem ser melhor entendidos quando analisados a partir de uma perspectiva de gênero e raça (OLIVEIRA, 2006)⁶.

Nas narrativas que apresentam a Guerra como um episódio de fanatismo, a presença das mulheres tem por base o simbolismo cristão ligado à virgindade. Ganham espaço nesses textos as jovens mulheres virgens, vestidas de branco, sem rosto, objeto da crença de um monge fanático. Nesses registros, os personagens centrais são as figuras do monge acompanhado pelas virgens e por Adeodato⁷.

É necessário, no entanto, ressaltar que o papel das ‘virgens’ não é retomado baseado em uma perspectiva feminista para discutir a opressão, mas como argumento para fortalecer o fanatismo religioso. O objetivo não é fazer uma análise crítica do papel das jovens, mas a descrição em forma de caricatura das mulheres que encarnam o papel da pureza e santidade. Essas narrativas procuram construir uma aproximação entre a religiosidade popular e o discurso da loucura, com o intuito de

deslegitimar as contradições sociais presentes nas motivações da Guerra do Contestado.

Outra abordagem na literatura acadêmica entende a Guerra do Contestado como um resultado dos múltiplos conflitos e transformações em curso na sociedade do fim do século XIX e início do XX. Aparecem, nesses relatos, as disputas em torno da posse da terra, as divergências políticas de uma ‘República Velha’ e os impactos da inserção do capital internacional no território do Planalto Norte. Nessa exposição, ao invés de fanáticos, temos revolucionários. Há, também, referências sobre a participação das mulheres durante os confrontos, mas ainda não existem menções quanto à elaboração das estratégias. As decisões políticas nessas narrativas são centradas no protagonismo dos homens.

Na literatura acadêmica do século XXI sobre a Guerra, podemos encontrar relatos científicos que mostram o envolvimento das mulheres nos espaços de decisão de todo o grupo, por exemplo, na pesquisa de Paulo Pinheiro Machado⁸. Nessas narrativas contemporâneas, as mulheres deixam de figurar como mulheres de fanáticos ou de revolucionários para estarem inseridas nas disputas internas do movimento como protagonistas. Esse aspecto fica claro no fragmento a seguir: “No âmbito político interno, consta que o convite que Eusébio fez a Elias de Moraes foi uma iniciativa planejada por Querubina para diminuir o poder de Maria Rosa e seu pai Eliasinho” (MACHADO, 2004, p.226).

3.3 Os espaços da memória institucionalizada

A memória do Contestado é lembrada, por um lado, com base na história oficial, armazenada nos museus e monumentos institucionais, que garantem a existência de uma ‘re-

memoração' apoiada no relato institucional. Sabemos que o acontecimento objetiva, sobretudo, o devir⁹. Nesse processo, podemos perceber a seleção dos fatos que 'devem' ser lembrados, como o fanatismo religioso e os que devem ser silenciados, como a participação política das mulheres no movimento do Contestado. De acordo com Ricoeur¹⁰, a memória pode ser manipulada e utilizada para atender aos interesses políticos.

A memória da Guerra do Contestado tem um espaço de referência no Planalto Norte de Santa Catarina. A principal indicação dos moradores é o museu de Três Barras, como o lugar da verdadeira memória; e, percebemos que há um lugar privilegiado para as lembranças da antiga empresa Lumber. A maior parte do acervo é composta por objetos da empresa de colonização, por exemplo, as fotos de familiares dos antigos diretores da madeireira, relatos e fotos das datas comemorativas organizadas por ela, uma antiga cadeira usada pelo dentista que atendia a alguns funcionários, os projetores de 1911 do cinema da Lumber, enfim, uma série de artefatos ligados aos empreendimentos realizados pela empresa. Não existe uma ilustração referente aos caboclos que habitavam a região no início da exploração das terras cedidas pelo governo para a empresa de colonização, que haveria de expulsar os posseiros.

Em um canto, uma foto de José Maria tendo ao seu lado três mulheres, sendo possível ler a seguinte referência: "O monge José Maria, que reuniu os fanáticos em 1912 e que foi morto em Irani, pelas tropas do Paraná". Na foto, o monge está rodeado por três virgens, conforme a crença popular.¹¹ O uso do termo fanático deve ser criticado, tendo em vista que reduz a complexidade dos eventos para explicar as causas da Guerra através do fanatismo religioso. Discurso que nasce entre os pa-

dres católicos, oriundos da corrente ortodoxa da igreja alemã, a qual condenava a religiosidade popular.

A referência às mulheres que aparecem na foto revela o sentido que elas possuem para essa narrativa institucionalizada. “[...] rodeado por três virgens [...]” A resposta sobre quem são elas, continua silenciada. São virgens, nada mais interessa a essa memória, que se mantêm como referência da Guerra do Contestado na região do Planalto Norte. Acima da foto discutida anteriormente, encontramos um texto explicativo sobre a Guerra. Ele se destaca por ser o único material que contradiz o que todo o restante da narrativa induz. Nesse texto escrito, encontramos a referência aos posseiros expulsos e à ação violenta da Lumber. Porém, alguns elementos permanecem, por exemplo, a ideia de fanatismo, jagunços e virgindade. A alusão sobre as mulheres presentes no museu, quando não beira ao total silenciamento, é trazida à tona pela noção de loucura. É comum o relato daquelas que diziam ‘receber o monge’.

Ainda no espaço do museu, é notória a apresentação da atuação do exército durante o confronto. Os fatos selecionados apresentam-no como uma força organizada que adentrava nas matas para proteger os cidadãos contra os jagunços e para garantir a defesa da terra contestada. Em frente ao museu, há um portão que dá acesso a uma área de posse do exército brasileiro e acima dele, a seguinte mensagem: “nessas terras um dia contestadas o seu exército adentra-se para defendê-las”.

Outro importante espaço de rememoração coletiva é o da Igreja católica, que foi a responsável pelo resgate da memória do Contestado ao longo dos últimos quase cem anos do fim da guerra, nas comunidades rurais. No último dia 25 de abril, os representantes da Igreja Católica de Canoinhas, ao abrirem a

cavalgada que iria percorrer nove diferentes comunidades para rememorar o ‘São João Maria’ e os fatos ocorridos durante o Contestado, iniciaram seu discurso sobre a bela história do município. Claramente, faziam referência aos tempos em que a Igreja contou com ‘João Maria’ para propagar a fé cristã nos afastados cantos do planalto de matas mistas das Araucárias. Ao mesmo tempo, a representação da Igreja silenciava sobre os fatos que ocorreram a partir de 1912 e que não fazem parte da bela história da região. O discurso sobre a memória do Contestado é permeado de abusos, tanto pelo silenciamento quanto pelo exagero da noção de fanatismo e loucura. A memória coletiva na região foi intensamente moldada pelos relatos da Igreja, sendo necessário ressaltar que esse discurso prevaleceu e, ainda, permanece como hegemônico dentro da Instituição, o que não significa que estamos negando que existam outros.

3.4 A Guerra do Contestado pelos militantes dos movimentos sociais e partidos políticos

Entre os militantes dos movimentos sociais, a rememoração ressalta aspectos diferenciados do Contestado. Nesse processo, o discurso oficial sobre a Guerra é questionado e a memória reconstruída. Os símbolos são reestruturados de modo a estarem relacionados com a história do presente: “A mãe tinha e tem o símbolo do Contestado: a pombinha. Contava a história das bandeiras... A bandeira não era branca, a bandeira original era vermelha, daí a história do terrorismo pela esquerda, do vermelho, do PT e do MST”.¹² Nesse fragmento, percebemos a construção de uma ligação entre o presente dos movimentos sociais e partidos políticos e seus símbolos (bandeira vermelha) e a memó-

ria da Guerra. No caso, o entrevistado questiona o relato oficial sobre a cor da bandeira do movimento do Contestado, o que justificaria o temor ou terror da sociedade local diante do símbolo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Partido dos Trabalhadores (PT).

Podemos notar que, em relação à participação das mulheres, são selecionados para a lembrança os aspectos que afirmam o papel delas como lideranças ativas durante a guerra: “Na luta do contestado apareceu o que? A Maria Rosa, a Chica Pelega. Elas não apareceram na história, elas fizeram a luta, mas não apareceram [...] as mulheres sempre estiveram junto [...]”. Percebemos a afirmação da participação das mulheres, não só de Maria Rosa e Chica Pelega, sempre presentes nas narrativas por seus feitos heróicos, mas a confirmação do papel delas enquanto sujeitos históricos.

Essa memória também está inscrita no espaço. O território está marcado pela religiosidade popular que permeou a Guerra do Contestado, marcas estas que resistem como rugosidades¹³ de uma história recente: as grutas cheias de pedidos, terços e orações; a preparação dos remédios, as simpatias. Enfim, a história viva que se reconstrói, ou finalmente se faz escutar. Nesse processo as mulheres têm tido papel fundamental, pois são as responsáveis pela manutenção dos ritos de cura, realizam as simpatias (dizem que os antepassados aprenderam com o próprio ‘São João Maria’, enfeitam de rezas e terços as grutas e as árvores por onde o monge pousou e disseminam os conhecimentos relacionados aos rituais.

As rezas do terço do Divino são momentos em que as famílias se reúnem e relembram o Monge, os milagres e, depois, o episódio da Guerra. Importantes lideranças políticas participam

e mobilizam esses encontros, que se constituem em espaços de resgate da memória e repasse para as próximas gerações. As famílias que articulam e articularam a AGRUPAR¹⁴, o Sindicato da Agricultura Familiar de Canoinhas, que participaram da fundação do Partido dos Trabalhadores são as mesmas que coordenam esses momentos e criam novas condições¹⁵ para a resistência dessa memória ligada ao Contestado.

Um aspecto importante nessas narrativas é a ausência de outras figuras centrais, além do monge, na memória dos entrevistados, permitindo perceber que, para eles, não existia uma estruturação diferenciada de poder entre os seguidores. Constata-se uma hierarquia apenas em relação a ele, que seria superior por seus conhecimentos mágicos, estratégicos ou inteligência. No entanto, é rememorada uma divisão do trabalho entre os homens e as mulheres ‘seguidores de João Maria’. O papel da mulher, responsável por tecer a bandeira do Movimento e pelos processos relacionados à cura, é sempre citado. É necessário ressaltar que esse papel não aparece inferiorizado em relação ao dos homens; ao contrário, a ‘rememoração’ parece fortalecer os atributos de sabedoria e o poder das mulheres.

O processo de retomada, manutenção desses rituais relaciona-se, por um lado, à própria atuação da Igreja católica que, na região, transformou-se a partir da década de 80. Atualmente, o sacerdócio dos padres nos municípios onde ocorreram as entrevistas é caracterizado como ‘parado’ e ‘reacionário’, em oposição ao sacerdócio ligado às pastorais da juventude e da terra. Em 1978, a Igreja era ativa e o padre é lembrado como o principal mobilizador nas comunidades: “Aquele trabalhou valendo! Gostava do movimento. Aquele foi bom! Ele valorizava essa questão da mulher e era muito por terra, cada um tinha que ter seu pedaço de chão.”¹⁶

3.5 Memórias da Guerra do Contestado. Um reforço para a atual militância política feminina no Planalto Norte Catarinense?

A memória do contestado resiste nas próprias lutas sociais travadas no território do Planalto Norte, onde perduram contradições similares às do início do século XX. Persistem conflitos étnicos¹⁷, choques culturais entre populações de caboclos, negros, indígenas e europeus¹⁸, que fundamentam preconceitos e justificam exclusões.

A produção acadêmica em relação à Guerra do Contestado reforça, por um lado, negativamente a participação política das mulheres caboclas, pois relata o envolvimento delas apenas como objetos de um fanatismo. Percebe-se que parte dos relatos produzidos pela literatura com viés de análise focado, não em fanáticos, mas em atores sociais revoltosos contra uma ordem opressora e injusta, não avançaram na discussão do papel das mulheres durante o Contestado; temos, assim, um reforço negativo, baseado no esquecimento. Apenas nos trabalhos mais recentes encontramos um reforço positivo para a participação política das mulheres.

Em relação à rememoração institucional, podemos concluir que, até o momento, o papel das mulheres caboclas foi silenciado e os aspectos que têm sido selecionados para serem lembrados afirmam muito mais a passividade desse grupo social em relação ao movimento do que as articulações e disputas de poder interno e os episódios em que as mulheres se mantiveram como lideranças do movimento.

Percebe-se que a memória do Contestado entre os militantes dos movimentos sociais tem sido contada através de uma perspec-

tiva de afirmação da militância e envolvimento político, justificando o engajamento político da esquerda na região, encorajando as lutas sociais e reconsiderando o papel político das mulheres, principalmente entre a população cabocla. Há uma relação de reforço positivo entre as organizações sociais como AGRUPAR, MST e Sindicatos e o discurso dos militantes em relação à memória da Guerra. Nesse processo, a militância política feminina segue o mesmo sentido positivo, pois são exatamente as Instituições que possibilitam a emergência dessas lideranças e de suas reivindicações, que são fortalecidas por essa rememoração.

Na medida em que é iniciado o processo de rememoração nas reuniões e encontros familiares que agregam essas lideranças femininas, há também um crescente interesse pelo papel das mulheres durante a revolta e os nomes de Maria Rosa, Chica Pelega e Querubina são lembrados resgatando, dessa maneira, importantes referências históricas de lideranças femininas do campo. O relato sobre as que confeccionavam as bandeiras e curavam os feridos das batalhas é lembrado como atos de coragem e importância durante o movimento.

4. Considerações finais

Atualmente, não existem iniciativas que considerem os fatores étnicos na discussão das políticas no Território do Planalto Norte de Santa Catarina. Mantém, desta forma, um silêncio em torno dos desdobramentos da história do Contestado.

No que se refere à participação das mulheres nos espaços de decisão política, podemos notar avanços, porém quando somamos ao recorte de gênero o de raça ficam as dificuldades em torno da inserção desse grupo. Dificilmente uma política de ter-

ritório que não considera a heterogeneidade da população, seus traços culturais e conflitos conseguirá construir um desenvolvimento amplo, podendo repetir os mesmos erros de um passado não muito distante.

Pelo que foi constatado, parecem nítidos os conflitos e os abusos de memória em relação às narrativas do Contestado. O viés ideológico em torno da memória institucional procura justificar a lógica do capitalismo industrial, que se inseria naquele território a partir do início do século XX. As lembranças institucionais estão selecionadas, como descrito no museu de Três Barras, em torno dos feitos da Companhia *Southern Brazil Lumber*. A crença no desenvolvimento da região é organizada em torno das lembranças do “cinema da Lumber”, do “dentista da Lumber”, do “hospital da Lumber”. Recortes narrativos estes que levam o espectador a acreditar e defender como fundamental a presença da multinacional no território. Tal seleção justifica as contradições atuais que marcam a realidade; em Três Barras, por exemplo, as terras estão sendo cada vez mais ocupadas com plantação de pinus para a multinacional Rigesa.

Os feitos ‘heróicos’ do exército e das tropas, que serviram durante a Guerra, são expostos de maneira excessiva. A narrativa está composta por um quadro que coloca fanáticos, desordeiros, atrasados, como um projeto de nação que foi substituído pelo de ordem, crescimento e riqueza. Essa façanha foi conquistada por distintos coronéis. É preciso lembrar que, nesse momento, o exército, ao lado da Rigesa, compõe os maiores latifúndios na região.

Podemos, ainda, pensar a Guerra do Contestado como o encontro de diferentes lógicas de civilização. De um lado, o Estado e de outro, a população cabocla e seu ethos. Nesse sentido,

a seleção das lembranças dá lugar à afirmação da loucura e do fanatismo dos caboclos e não da diferença, do choque ocorrido com a presença do Estado, tendo em vista que este, enquanto instituição coletiva e despersonalizada, inexistia para a população que vivia espalhada no Planalto Norte, próximo àqueles anos. (AURAS, 1984).

O ‘quem’ da ação na narrativa da Guerra do Contestado, como foi visto, dá lugar a diferentes protagonistas. Em relação às mulheres, parece haver uma síntese do papel delas em torno de um ideal de Maria Rosa, tecido a partir da seleção das lembranças entre os militantes dos movimentos sociais, e a idéia de uma virgem Maria Rosa, ou apenas de uma virgem, rememorada dessa forma nos espaços institucionais.

A resposta para a pergunta “Quem foi Maria Rosa?”, não encontra um só eco que não esteja revestido por uma ideologia e que não tenha sido manipulado ou mesmo distorcido. Esta distorção iniciou com os primeiros relatos escritos sobre a Guerra e encontrou na Igreja católica seu especial meio de propagação. Maria Rosa e todas as mulheres desapareceram da narrativa e o tema virgindade foi selecionado para ocupar seu lugar. Depois, a manutenção do esquecimento em torno das mulheres, digno de uma corrente de pesquisa que não considerou uma perspectiva de gênero em seus estudos e sustentou, durante décadas, citações preconceituosas. Portanto há tantas “Marias Rosas” narradas, quantas “razões instrumentais”. E, a resposta para a pergunta só é possível quando se aceita a perspectiva da manipulação da memória pelo fator ideológico.

A instrumentalização da memória em torno da participação política das mulheres obedece ao imperativo ideológico, que justifica o poder e o protagonismo masculino como atores da

história. Nada, talvez, seja mais difícil do que reconhecer, para aqueles que partilharam desse fato histórico, a liderança de uma mulher ou de algumas, principalmente sendo caboclas.

Notas

¹ Nos cálculos não estão inseridos o valor da produção que vai para o consumo da família, assim mesmo, com renda menor, essa população pode apresentar uma qualidade melhor em relação ao acesso a alimentos.

² Pessoas com renda insuficiente: Aquelas com renda até US\$ 1,00 por dia. Pessoas pobres: aquelas com renda de até US\$ 2,00 por dia.

³ Atualmente, a estrutura fundiária é assim caracterizada: do total de estabelecimentos, 86,26% possuem menos de 50 ha de área. Os estabelecimentos com menos de 20 ha representam 53,70% do total; aqueles com menos de 10 ha equivalem a 32,22% do total. Apesar de ser a grande maioria, as propriedades com menos de 50 ha ocupam apenas 192.340 ha, ou seja, 36,12% da área total dos estabelecimentos, enquanto 13,74% dos estabelecimentos detêm 63,88% da área total (área total ocupada pelos estabelecimentos: 532.440 ha (Dados da Secretaria de Desenvolvimento Territorial. Ministério do Desenvolvimento Agrário (SDT/MDA). Os com menos de 50 ha são estabelecimentos familiares, que empregam pouca ou quase nenhuma mão de obra externa.

⁴ O exemplo do MST se difere, pois as mulheres estão inseridas dentro de um debate mais amplo ligado ao Movimento das Mulheres Camponesas. Nesse caso, existe uma preocupação política em realizar o debate de gênero e raça dentro do movimento.

⁵ Paul Ricoeur trata das patologias da memória, as quais não poderiam integrar o que ele chama de “memória feliz” e que com-

põem a memória como fonte histórica. “Os falsos testemunhos [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis.” (RICOEUR, 2008, pp. 40-41).

⁶ OLIVEIRA, Susana A. de. Gênero: intersecções na Guerra do Contestado. In: SIMÕES, Luzinete; FUNCK, Susana Bornéo. **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global.** Florianópolis: UFSC, 2006, pp.117-127.

⁷ Adeodato comandou os diferentes grupos que formavam o movimento rebelde. Procurou imprimir um comando que unificasse as várias frentes de luta. Tinha 27 anos quando assumiu o posto de comando. Organizou em 1914 o reduto em Santa Maria, batizado com o nome de Maria Rosa, que chegou a ter mais de 10 mil moradores. Esse reduto foi cercado pelas forças legais a partir de janeiro de 1915 deixando as condições de abastecimento dramáticas e o comércio interrompido, contribuindo para a derrota do movimento (MACHADO, 2004).

⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916).** Campinas: Unicamp, 2004.

⁹ SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, v 22, n 44, pp.425-438, 2002.

¹⁰ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Unicamp, 2007.

¹¹ Escrito que acompanha foto do monge José Maria. Museu de Três Barras.

¹² Entrevista realizada em Canoinhas (16/ 01/ 2009).

¹³ “Chamemos *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator.” (SANTOS, p.92).

¹⁴ A Associação de Grupos de Pequenos Agricultores de Canoinhas (AGRUPAR) nasceu em 1984, depois de uma experiência de compra coletiva de alimentos e insumos articulada com o apoio do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO). Atualmente, a AGRUPAR faz parte da Rede Ecológica de Agroecologia. As famílias produzem vários tipos de hortaliças no sistema agroecológico, como alface, beterraba, cenoura, couve, temperos verdes, batata-doce, aipim, brócolis, tomate. Também fabricam pão integral, além de trabalharem com outros produtos como ovos, cereais e derivados de leite. Esses produtos são vendidos na feira livre no centro de Canoinhas duas vezes na semana. A presidente da AGRUPAR relata que a motivação do grupo, principalmente das mulheres, se relaciona à possibilidade de eliminar os agrotóxicos da produção e os riscos de intoxicação. As famílias eram fumicultoras e sofriam com o uso dos agrotóxicos nas culturas. Em 1984 existiam 64 famílias envolvidas, mas atualmente estão envolvidas na AGRUPAR apenas 12. A maior parte do trabalho de produção e organização é realizada pelas mulheres.

¹⁵ A partir do dia 25 de abril até 03 de maio está marcada a primeira cavalgada de “São João Maria”. O objetivo é fortalecer a memória popular e restaurar os “cruzeiros” que marcam os locais onde o monge pousou nessas comunidades. Serão realizadas nove reuniões em diferentes comunidades para relembrar as histórias ligadas ao Contestado.

¹⁶ Entrevista realizada em Três Barras, na comunidade Campininha (17-01-09).

¹⁷O relato a seguir ilustra este conflito: “A nossa comunidade é toda de poloneses e alemães [...]. Hoje já não é muito, mas antigamente se eu tivesse na rua sozinha me davam carona, mas se eu tivesse com um sobrinho, que era de cor não me davam carona. Eles eram daqueles racistas mesmo”.

¹⁸No Planalto Norte, Caboclo é aquele indivíduo que descende de uma miscigenação racial entre índios, negros e europeus, os quais são chamados “Brasileiros”. “Bugres” são aqueles que descendem diretamente dos índios sem referência aos diferentes grupos. “Polaco” refere-se aos descendentes de Poloneses que migraram para a região no início do século XX e que, atualmente, é usado para designar praticamente todos os descendentes de europeus na região.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, R. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. *Revista de Economia Aplicada*, v 4, n 2, abril/junho de 2000.

AURAS, M. **Guerra do contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984.

AVELAR, L. **Mulheres na elite política brasileira**. São Paulo: Unesp, 2001.

BOYER, V. O pajé e o caboclo: de homem a entidade. *Mana*. 1999, v 5, n 01.

CAZELLA, A. **Políticas públicas e participação social no Brasil rural**. Porto Alegre: Ed. UFRGS: NEAD: PGDR, UFRGS, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

IBGE. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 21 jun. 2008.

ICEPA. **Diagnóstico da Exclusão Social em SC - “Mapa da Fome”**. Disponível em: <<http://cepa.epagri.sc.gov.br/Publicacoes/todas.htm>>. Acesso: 21 jun. 2008.

LAMARCHE, H (coord.) **Agricultura familiar: comparação internacional - do mito à realidade**. Campinas: Unicamp, 1993.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Unicamp, 2004.

OLIVEIRA, Susana A. de. Gênero: intersecções na Guerra do Contestado. In: SIMÕES, Luzinete; FUNCK, Susana Bornéo. **Saberes e fazeres de gênero: entre o local e o global**. Florianópolis: Ufsc, 2006, pp. 117-127.

PAULILO, M.I.S. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, Departamento de Ciências Sociais - UFSC, nº28, 1987. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&lr=&q=%22O+peso+do+trabalho+leve%22&btnG=Pesquisar&lr=>>>. Acesso em: 12 set. 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no Oeste Catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SDR. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Estudo Diagnóstico da Regional Canoinhas 2005**. Disponível em: <<http://>>

www.sc.gov.br/conteudo/paginashost/regionais>. Acesso em: 15 jun. 2008.

SDR. Secretaria de Desenvolvimento Regional. **Estudo diagnóstico da Regional Mafra 2005**. Disponível em: < <http://www.sc.gov.br/conteudo/paginashost/regionais>>. Acesso em: 15 jun. 2008).

SDT. Secretária de Desenvolvimento Territorial. **Territórios rurais**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sdt/index.php?sccid=470>>. Acesso em: 12 set. 2008.

SDT. Secretária de Desenvolvimento Territorial. **Plano territorial de desenvolvimento rural do Planalto Norte**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sdt/index.php?sccid=470>>. Acesso em: 12 set. 2008.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

SCHNEIDER, S. A abordagem do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n 11, jan/jun 2004, pp.88-125.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/ comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, v 22, n 44, pp.425-438, 2002.

STROPASOLAS, V. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: UFSC, 2006.

STROPASOLAS, V. Desenvolvimento rural para quem? Os desafios para a inclusão dos excluídos na ação extensionista. **Revista Grifos Unochapecó** n 2021, 2008. pp.9-48.